

**A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA NO DESEMPENHO
ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE CAPITAL CULTURAL NA EDUCAÇÃO
BÁSICA¹**

***THE INFLUENCE OF READING PRACTICES ON SCHOOL PERFORMANCE:
A STUDY ON CULTURAL CAPITAL IN BASIC EDUCATION***

***LA INFLUENCIA DE LAS PRÁCTICAS LECTORAS EN EL RENDIMIENTO
ESCOLAR: UN ESTUDIO SOBRE EL CAPITAL CULTURAL EN LA
EDUCACIÓN BÁSICA***

Vergas Vitória Andrade da Silva
vergas@ufpa.br
Doutora em Ciência Sociais (UFRN)
Docente na Escola de Aplicação (UFPA)

RESUMO

Este artigo discute o peso das práticas de leitura no desempenho escolar. O objetivo é compreender as relações entre acesso aos livros e ao capital cultural na Educação Básica. Partimos do pressuposto segundo o qual o hábito de ler é um incremento que favorece o sucesso escolar. Desse modo, pretendemos responder à seguinte questão: estudantes que leem e têm acesso aos livros são os mesmos que apresentam resultados exitosos? Para dar conta desse problema, o trabalho realizou um estudo sobre as condições sociais de acesso aos livros, práticas de leitura e taxas de reprovação escolar. Empiricamente, debruçamo-nos sobre as características socioeconômicas e culturais dos discentes do Ensino Médio da Escola de Aplicação/UFPA. Os dados empregados nesta pesquisa são derivados de um questionário composto por questões fechadas. Os resultados apontam que as relações entre hábito de

¹ Este artigo é uma versão revisada do trabalho “Hábitos de leitura e capital cultural: as razões do sucesso escolar?”, apresentado no Seminário Temático 45: Educação e desigualdades sociais, no 46º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), realizado em outubro de 2022, em Campinas/SP.

leitura e capital cultural fornecem subsídios importantes para explicar o sucesso escolar em parte significativa dos casos analisados. O trabalho conclui que o gosto pela leitura figura como fator de diferenciação de maior relevância, reafirmando que são os fatores culturais mais que os econômicos que condicionam as taxas de êxito escolar.

Palavras-chave: Capital cultural. Desempenho escolar. Hábitos de leitura. *Habitus*.

ABSTRACT

This article discusses the weight of reading practices on school performance. The objective is to understand the relationship between access to books and cultural capital in basic education. We start from the assumption that the habit of reading is an increment that favours school success. In this way, we intend to answer the following question: are students who read and have access to books the same ones who present successful results? To deal with this problem, the work carried out a study on the social conditions of access to books, reading practices and school failure rates. Empirically, we focused on the socioeconomic and cultural characteristics of high school students at Escola de Aplicação/UFGA. The data used in this research are derived from a questionnaire composed of closed questions. The results indicate that the relationship between reading habits and cultural capital provides important subsidies to explain school success in a significant part of the cases. The work concludes that the taste for reading figures as the most relevant differentiating factor, reaffirming that it is cultural factors rather than economic ones that condition school success rates.

Keywords: Cultural capital. School performance. Reading habits. *Habitus*.

RESUMEN

Este artículo discute el peso de las prácticas lectoras en el rendimiento escolar. El objetivo es comprender la relación entre el acceso a los libros y el capital cultural en la educación básica. Partimos del supuesto de que el hábito de la lectura es un incremento que favorece el éxito escolar. De esta manera, pretendemos responder a la siguiente pregunta: ¿los estudiantes que leen y

tienen acceso a libros son los mismos que presentan resultados exitosos? Para hacer frente a este problema, el trabajo realizó un estudio sobre las condiciones sociales de acceso a los libros, las prácticas de lectura y las tasas de fracaso escolar. Empíricamente, nos enfocamos en las características socioeconómicas y culturales de los estudiantes de secundaria de la Escola de Aplicação/UFPA. Los datos utilizados en esta investigación se derivan de un cuestionario compuesto por preguntas cerradas. Los resultados indican que la relación entre hábitos lectores y capital cultural proporciona subsidios importantes para explicar el éxito escolar en una parte significativa de los casos. El trabajo concluye que el gusto por la lectura figura como el factor diferenciador más relevante, reafirmando que son los factores culturales y no los económicos los que condicionan los índices de éxito escolar.

Palabras clave: Capital cultural. Rendimiento escolar. Hábitos lectores. *Habitus*.

INTRODUÇÃO

Na esteira da tese bourdieusiana segundo a qual “a instituição escolar contribui para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social” (BOURDIEU, 2011, p. 35), este artigo movimentava um debate sobre as conexões que se constituem entre práticas de leitura, capital cultural e desempenho escolar. A intenção é averiguar se há uma associação entre estudantes leitores(as) e resultados exitosos. O interesse em investigar hábitos de leitura e capital cultural emerge após influência do artigo “Capital cultural e reprodução escolar: uma revisão crítica”, de Draelants e Ballatore (2021). Embora o artigo na língua original date de 2014, ele foi traduzido para Língua Portuguesa em 2021 por Maria Alice Nogueira e Débora Piotto. No referido artigo, os autores visam interrogar a pertinência atual do conceito de capital cultural por meio de uma revisão de literatura. O problema que levantam é: a posse de riqueza cultural ainda é um trunfo escolar para a obtenção do êxito escolar? (DRAELANTS; BALLATORE, 2021).

Para os autores, a resposta a essa questão vai variar de acordo com a própria definição de capital cultural adotada: se for uma definição restrita, que associa o capital cultural à cultura erudita/cultura legítima, Draelants e Ballatore (2021) respondem negativamente em razão do declínio social generalizado da alta cultura. Entretanto, se optarmos pela definição ampla do conceito, que remete a uma diversidade de práticas e normas educacionais, cujo conteúdo não é fixo, tender-se-á, pelo contrário, a considerar que o capital cultural permanece pertinente para se compreender a reprodução social pela instituição escolar. A partir daí, os autores chamam a atenção para o surgimento de novas formas de capital cultural, como, por exemplo, capital cultural internacional e capital cultural digital, e levantam uma questão central para nós: qual o papel que a leitura tem no sucesso escolar? Diante dessa problemática, eles atestam que, atualmente, mais do que a familiaridade com a cultura legítima, são as práticas de leitura dos estudantes que se revelam escolarmente eficazes, na medida em que elas produzem efeitos linguísticos e cognitivos capazes de se reverter em sucesso escolar (DRAELANTS; BALLATORE, 2021).

Na mesma linha de argumentação, Maria Alice Nogueira (2021) corrobora as discussões sobre o peso do ato de ler para a aquisição do conhecimento escolar. Em seus estudos, a autora confere à leitura papel fundamental no desempenho estudantil por tratar-se de uma “forma cultural fortemente associada à escrita e às competências linguísticas – que constituem a base da socialização escolar –, ela promove efeitos cognitivos e analíticos capazes de impulsionar o êxito no processo de aquisição do conhecimento” (NOGUEIRA, 2021, p. 09). É com base nesses argumentos teóricos que justificamos a escolha de nosso objeto de estudo: hábito de leitura entre estudantes da Educação Básica. Partindo daí, inferimos que as práticas legítimas de leitura transmitidas e requeridas pela escola são consideradas altamente rentáveis no mercado

escolar (DRAELANTS; BALLATORE, 2021; NOGUEIRA, 2021; PIOTTO; NOGUEIRA, 2021). Embasado por essa assertiva, este artigo levanta o seguinte problema de pesquisa: estudantes que leem e têm acesso aos livros são os mesmos que apresentam resultados exitosos? Para dar conta dessa questão, o trabalho realizou um estudo sobre as condições sociais de acesso aos livros, as práticas de leitura e as taxas de reprovação escolar. Empiricamente, debruçamo-nos sobre as características socioeconômicas e culturais dos discentes do Ensino Médio da Escola de Aplicação/UFPA.

O aporte teórico que alicerça este trabalho é aquele que se alinha às teorias da reprodução (BOURDIEU; PASSERON, 2009, 2015; BERNSTEIN, 1996; BONAMINO et al., 2010; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002; SETTON, 2005; VALLE, 2013, 2015). A reprodução à qual se refere essa corrente teórica é a reprodução das desigualdades sociais no seio da instituição escolar e suas consequências em termos de mobilidade social. Esse modo de reprodução “tem por princípio não uma intenção consciente e racional, mas as disposições (os *habitus*) que tendem espontaneamente a reproduzir as condições de sua própria produção” (VALLE, 2022, p. 04). Essa abordagem teórica parte do pressuposto de que o sistema de ensino contribui para a reprodução “da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes, contribuindo assim para a reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes” (BOURDIEU, 2011, p. 295). Desse modo, o capital cultural obtido externamente à instituição escolar e transportada de casa pelos(as) estudantes se converterá numa prestigiosa ferramenta que corroborará o êxito escolar.

É nesse sentido que partimos da perspectiva segundo a qual os bens culturais legados do meio familiar agiriam com mais vigor do que as posses econômicas no futuro escolar dos(as) estudantes (PALERMO et al., 2014; RIANI; RIOS-NETO, 2008; BARROS et al., 2001; SOARES; COLARES, 2006;

FERNANDES et al., 2018). Assim, para atender aos desígnios deste artigo, entendemos que “a noção de capital cultural impõe-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar” (BOURDIEU, 2015, p. 81). Quanto ao conceito de capital cultural, filiamo-nos ao seu sentido amplo, pois

o papel do capital cultural continua sendo decisivo no contexto atual, desde que concebido em seu sentido amplo, que incorpora as novas dinâmicas culturais em curso e a importante mobilização parental contemporânea em favor da transmissão da herança cultural. (NOGUEIRA, 2021, p.12).

Com base nessas considerações, inferimos que as práticas de leitura dos(as) alunos(as) do 1º ano do Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPa), corporificadas neste artigo, pela presença de livros em casa e pela quantidade de livros lidos ao ano, agem como um capital cultural que pode se transfigurar em desempenho escolar satisfatório.

Nesta investigação, as práticas de leitura dos estudantes são expressão de uma espécie de herança cultural, a qual refere-se “à transmissão, de uma geração a outra, de maneira de ser e de se portar, mas também de habilidades, competências e sensibilidades que os indivíduos adquirem muitas vezes sem sentir e, certamente, sem escolher” (ALMEIDA, 2017, p. 218). Assim, estamos reconhecendo que os comportamentos dos(as) alunos(as) ante a leitura são, em parte, fruto de *habitus* que retratam o social incorporado. Conforme a perspectiva teórica que tomamos como parâmetro, o *habitus* “é o que se adquiriu, mas que se encarnou de forma duradoura no corpo sob a forma de disposições permanentes. A noção lembra, portanto, de forma constante, que ela se refere a algo histórico, que está ligada à história individual” (BOURDIEU, 2019, p. 128). Em suma, as práticas de leitura são consideradas aqui uma espécie de *habitus*

obtido pelos(as) alunos(as) no decorrer de sua socialização, de modo durável e transponível.

Do ponto de vista estrutural, este trabalho foi organizado em três seções, além da introdução e considerações finais. A primeira seção apresenta uma breve discussão sobre os conceitos de capital cultural e *habitus*, com vistas a demarcar o aporte teórico do estudo. A segunda seção discute alguns apontamentos sobre a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, cujo objetivo é dialogar com nosso campo empírico, ou seja, o universo dos estudantes leitores da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. A terceira e última seção debate os resultados da pesquisa, analisando dados sobre a quantidade de livros em casa, o número de livros lidos e a taxa de reprovação escolar. Nossa intenção é explicar o sucesso escolar por intermédio da variável prática de leitura, evidenciando que há uma associação entre alunos(as) leitores(as) e desempenho escolar.

AS NOÇÕES CAPITAL CULTURAL E *HABITUS*: APORTE TEÓRICO DO ESTUDO

Para oferecer respostas à questão da influência das práticas de leitura no desempenho escolar, é imprescindível, primeiramente, entender que “a reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural se dá na relação entre as estratégias das famílias e a lógica específica da instituição escolar” (BOURDIEU, 2011, p. 35). Esse é o pano de fundo que guiará as análises empreendidas neste artigo. Em tempo, é fundamental, do mesmo modo, compreender que o capital cultural se apresenta sob a forma de disposições duráveis que se constituem pelos gostos, pelo emprego apropriado da norma culta da língua e pelos dados sobre o universo escolar. Nesse sentido, o capital cultural “não pode ser transmitido instantaneamente [...] por doação ou

transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição” (BOURDIEU, 2015, p. 83). Segundo esse aporte teórico, o conceito de capital cultural pode ser entendido enquanto um conjunto de

bens culturais que são transmitidos pelas diferentes ações pedagógicas familiares e cujo valor enquanto capital cultural é função da distância entre o arbitrário cultural imposto pela ação pedagógica dominante e o arbitrário cultural inculcado pela ação pedagógica familiar nos diferentes grupos ou classes. (BOURDIEU; PASSERON, 2009, p. 52).

Isso posto, as práticas de leitura serão, conseqüentemente, analisadas como expressão de um capital cultural que promove benefícios escolares àqueles que o detêm. Especificamente, iremos nos ater a duas formas de capital cultural: o objetivado (no acesso aos livros) e o incorporado (no gosto pela leitura). Vale ressaltar que, para Bourdieu (2015), o capital cultural pode existir sob três formas distintas, isto é, “no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários; e, enfim, no estado institucionalizado sob a forma de certificação escolar” (BOURDIEU, 2015, p. 82). Para efeito de análise, este trabalho considerou o conceito de capital cultural enquanto um traço velado, mensurado por meio de elementos que captam a posse de livros e o gosto pela leitura, conjecturando que o hábito de ler abre espaço para o desempenho escolar satisfatório. Amparado por essas definições, o presente estudo assegura que alunos(as) da EA/UFGA incorporariam, no transcurso de suas trajetórias escolares, um conjunto de disposições próprias de sua posição de classe.

Para Bourdieu (1983), a interiorização, pelo(a) aluno(a), de valores e normas sociais auxiliaria sua orientação nos domínios intrínsecos à vida social e, por conseguinte, ao mundo escolar. A esse fenômeno, Bourdieu (1983) chama

de *habitus*, que se refere aos esquemas estruturados e incorporados, evidenciando a influência de um aprendizado passado, que conforma e guia as ações dos agentes. Para esse autor, trata-se de um “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, 1983, p. 65). Como é possível notar, a noção de *habitus* é central no desdobramento deste artigo, afinal, ele nos auxiliará a pensar no problema do hábito de leitura enquanto fruto de um condicionamento social obtido no âmbito extraescolar. Assim sendo, afirmaremos, doravante, que os alunos da Educação Básica da EA/UFGPA são constituídos de *habitus* marcado em seus corpos pelas experiências vividas ao longo de sua existência.

Partindo daí, o conceito de *habitus* será frequentemente empregado nesta investigação para aludir aos “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios organizadores de práticas e de representações” (BOURDIEU, 2013, p. 8). As disposições do *habitus* são duráveis, tendo em vista que, enraizadas nas pessoas, tendem a se reproduzir. Nesse sentido, o *habitus* é “produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado” (BOURDIEU; PASSERON, 2009, p. 53). Neste contexto, o *habitus* é o que possibilita aos sujeitos, numa conjuntura dada, engendrar condutas esperadas sem, necessariamente, fazer uma reflexão sobre a ação. Esse saber portar-se ausente do pensar a respeito está, segundo Bourdieu (2004, 2011), na base do senso prático. Trata-se de uma noção chave, pois ela revela ser plausível alcançar condutas objetivamente ajustadas a uma finalidade sem que essas condutas sejam obra de um cálculo racional.

APONTAMENTOS SOBRE OS RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é uma iniciativa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural, realizada pelo IBOPE Inteligência. Essa consulta à população brasileira é realizada desde 2007, cujo objetivo é identificar os hábitos dos brasileiros especificamente em relação à Literatura. A intenção é conhecer o comportamento do leitor, medindo a intensidade, a forma, as limitações, as motivações, as representações e as condições de leitura e acesso ao livro. Para atender aos propósitos desta seção, pretendemos apresentar alguns apontamentos explicitados na 5ª Edição de Retratos da Leitura no Brasil, com vistas a dialogar com nosso campo empírico, ou seja: estudantes leitores da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Essa edição da pesquisa foi realizada em 2019 e focou em alguns aspectos bem interessantes, quais sejam: como se interessou por literatura; fatores que influenciam na escolha do que ler; indicação do último livro de literatura; autores que mais gostam; leitura de sagas e séries; formato do último livro lido; conteúdos literários lidos em outros formatos além do livro.

De abrangência geográfica nacional, a amostra de Retratos da Leitura no Brasil (2019) envolveu 8.076 entrevistas, realizadas em 208 municípios. O público-alvo estendeu-se à população brasileira com 5 anos e mais, alfabetizada ou não. O período de coleta dos dados foi de outubro de 2019 a janeiro de 2020. O método de coleta pode ser definido como entrevistas domiciliares face a face, com registro das respostas em *tablets*. Com um intervalo de confiança de 95%, a margem de erro para a leitura dos resultados pelo total da amostra é de 1,1 pontos percentuais. Alguns resultados da pesquisa merecem destaques: 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. A leitura fica em 10º lugar na preferência de atividades de lazer, atrás de assistir TV, ouvir música,

acessar a Internet, entre outros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020). A porcentagem de 52% de leitores é considerada ainda pequena, assim como o número de livros por habitante. A média de obras lidas por pessoa ao ano é de 4,96, e, mesmo assim, só 2,43 foram lidas integralmente (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020).

Para esta seção, descreveremos e analisaremos dois dados fundamentais sobre os Hábitos de Leitura do Brasileiro. São as estatísticas sobre a média de livros lidos ao ano por região do país e o que a leitura significa para os brasileiros. Conforme é possível observar na tabela 1 (abaixo), a média de livros lidos ao ano por região brasileira gira em torno de cinco e/ou quatro livros. Trata-se de uma média muito baixa quando comparada a outros países, como a França, por exemplo, que lê em média 21 livros ao ano, ou seja, cinco vezes mais que os brasileiros. Na série histórica de 2007 até 2019, nota-se que houve uma pequena evolução na média de livros lidos. A Região Norte sobe de 3,9 em 2007 para 5,3 em 2019. Já a Região Nordeste sobe apenas um ponto, de 4,2 em 2007 para 4,3 em 2019. Na Região Sudeste, o patamar de livros lidos permanece o mesmo em 2007 e 2019 (4,9). A Região Sul do país apresenta a melhor média entre as regiões, com 5,9 em 2019 – em 2007, essa região apresentava índice de 5,5. Por fim, a Região Centro-Oeste sai de 4,5 em 2007 para a marca de 5,3 em 2019.

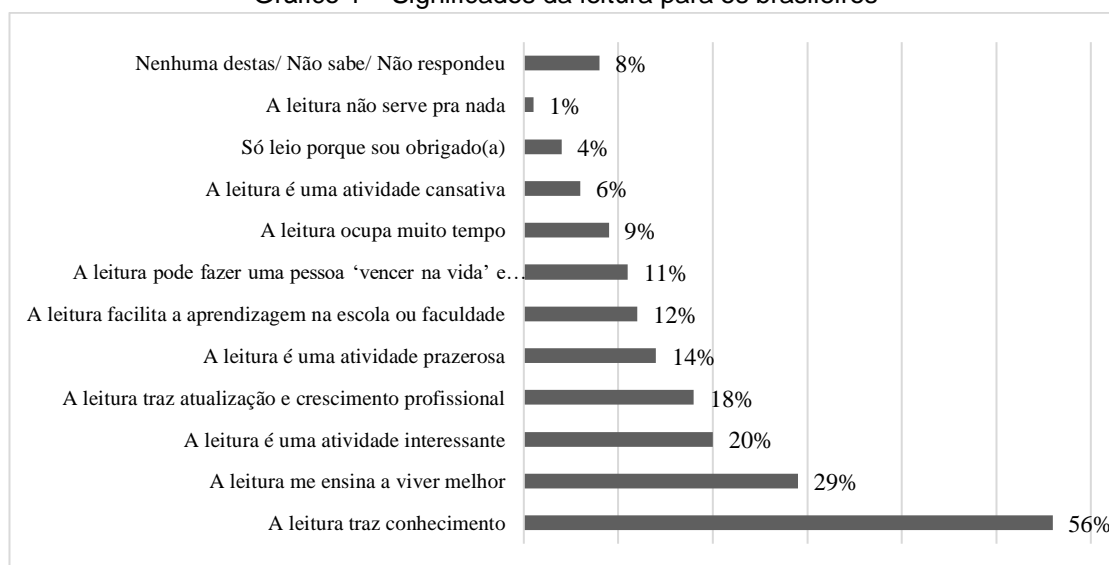
Tabela 1 – Média de livros lidos ao ano por região do país

REGIÃO	2007	2011	2015	2019
Norte	3,9	2,7	4,4	5,3
Nordeste	4,2	4,3	3,9	4,3
Sudeste	4,9	4,0	6,0	4,9
Sul	5,5	4,2	4,4	5,9
Centro-Oeste	4,5	4,2	4,8	5,3

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019, p. 41)

A respeito do gráfico 1 (abaixo), sobre o que significa a leitura para você, chama atenção a porcentagem de 56% dos entrevistados que afirmam que a leitura traz conhecimento. Na mesma medida, é interessante perceber que 29% alegam que a leitura ensina a viver melhor; 20% dizem que a leitura é uma atividade interessante; para 18%, a leitura traz atualização e crescimento profissional. Entretanto, somente 14% afirmam que a leitura é uma atividade prazerosa. Esse dado é importante, pois revela que muitas pessoas tomam a leitura como algo obrigatório que gera pouco prazer. Nesse sentido, 11% dizem que a leitura faz a pessoa vencer na vida (não é prazeroso, é um dever). Ademais, o gráfico 1 é patente ao afirmar que a leitura ocupa muito tempo (9%); é uma atividade cansativa (6%); só leio porque sou obrigado (4%); a leitura não serve para nada (1%); nenhuma dessas/Não sabe/Não respondeu (8%).

Gráfico 1 – Significados da leitura para os brasileiros



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019, p. 77)

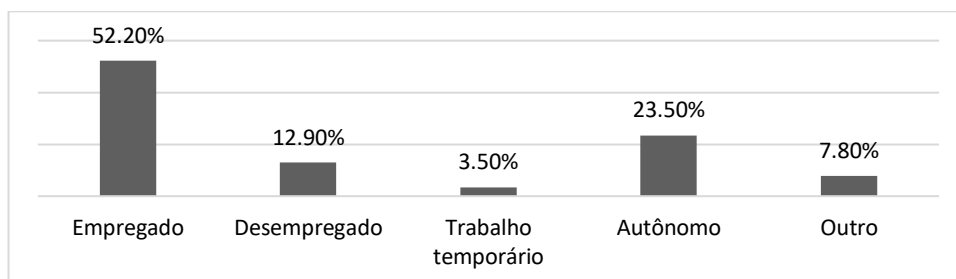
Segundo nossa análise, os dados sobre a média de livros lidos ao ano por região e o significado que tem a leitura para o grupo pesquisado revelam algo

muito importante sobre os hábitos precários de leitura do brasileiro. Partindo dessa constatação, inferimos ser de suma urgência que se formulem políticas públicas e práticas educacionais com vistas à formação de leitores.

A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA NO DESEMPENHO ESCOLAR: RESULTADOS E DISCUSSÕES

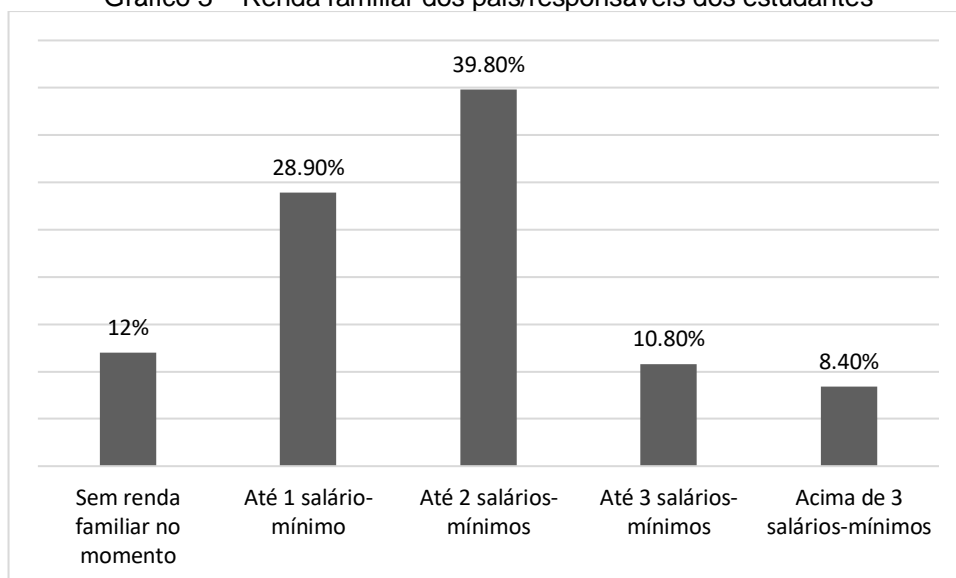
O sistema de ensino brasileiro está alicerçado numa sociedade edificada por relações sociais desiguais, gerando consequências profundas para as oportunidades educacionais de estudantes, sobretudo, da Educação Básica. Tendo essa afirmativa como pano de fundo, esta seção analisará as práticas de leitura dos alunos da EA/UFPA à luz dos conceitos de *habitus* e capital cultural, buscando perceber se o ato de ler influencia desempenhos escolares. Antes de iniciar a apresentação desses dados, vale uma ressalva importante sobre o contexto ao qual está inserido o campo empírico desta pesquisa. O ingresso à Escola é feito por meio de sorteio, ou seja, não há um processo de seleção. A EA/UFPA é considerada prestigiosa pela qualidade da estrutura física e do corpo docente, por essa razão, é bastante almejada e disputada pelos grupos de seu entorno. Situada na periferia da cidade de Belém, no estado do Pará, num bairro chamado Terra Firme, lugar que agrupa parte significativa da população de baixa renda do centro da capital, a EA/UFPA é uma escola que tem como público-alvo estudantes com características socioeconômicas bastante precárias, como é possível observar nos gráficos 2 e 3 (abaixo).

Gráfico 2 – Situação de trabalho dos pais/responsáveis dos estudantes



Fonte: Elaboração própria (2021)

Gráfico 3 – Renda familiar dos pais/responsáveis dos estudantes

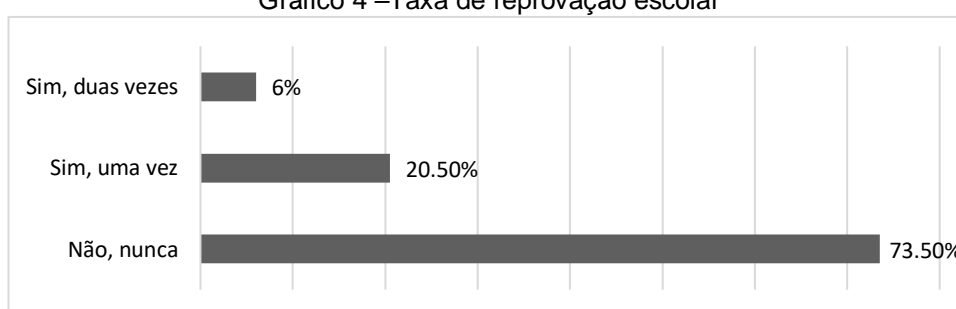


Fonte: Elaboração própria (2021)

No gráfico 2, observa-se a situação de trabalho dos pais/responsáveis dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio. 52,20% deles estão empregados, entretanto, 12,90% encontram-se desempregados, 3,50% estão em trabalho temporário, 23,50% são autônomos e 7,80% responderam “outro”. O gráfico 3 descreve a renda familiar. Chama-nos a atenção que 12% dos pais/responsáveis estão sem renda familiar no momento; 28,90% ganham até 1 salário mínimo, 10,80% até 3 salários mínimos e 8,40% acima de 3 salários mínimos. Os dados apontados acima descrevem uma precariedade de capital econômico que

parece compatível com o grupo pesquisado. Para dar continuidade à análise, apresentaremos um dado singular sobre o desempenho escolar. O gráfico 4 (abaixo) revela que pouco mais de 70% dos(as) discentes do 1º ano do Ensino Médio da EA/UFPA não apresentam reprovações em seus boletins escolares.

Gráfico 4 –Taxa de reprovação escolar



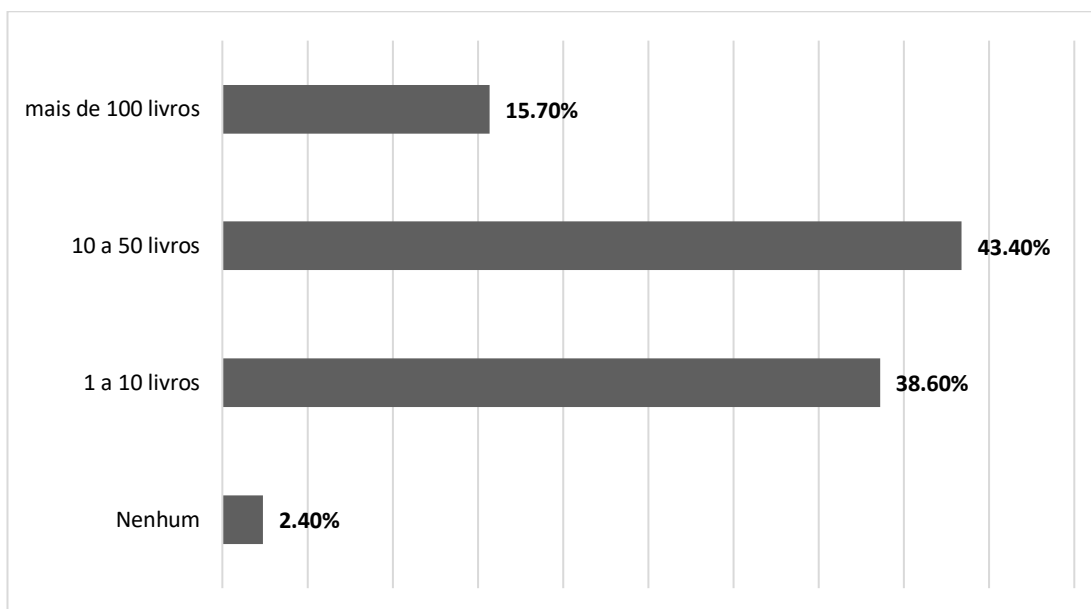
Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

O que os dados sobre taxa de reprovação revelam? Nossa análise supõe que o desempenho exitoso não se constitui num fenômeno natural e, por isso, não pode ser esclarecido pelo mérito pessoal ou dom do estudante, tampouco pelas diferenças biológicas entre eles. 73,5% dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio nunca reprovaram e, reiteradamente, isso não se deve ao que se convencionou chamar ideologia do dom, ou seja, “negação das condições sociais de produção das disposições cultivadas” (BOURDIEU, 2019, p. 75). Por essa razão, insistimos na tese de que o capital cultural teria influência expressiva nesse resultado e explicaria o desempenho escolar satisfatório do grupo pesquisado. Afinal, as condições socioeconômicas das famílias desses alunos (apresentadas nos Gráficos 2 e 3, acima) não parecem ser uma variável que dê respostas ao problema das taxas exitosas. Esses dados desvelam a natureza das disparidades de renda e das condições de trabalho dos estudantes do Ensino Médio da EA/UFPA. Embora empobrecidos em termos de capital econômico, eles obtêm sucesso escolar exitoso.

Conforme nossa análise, essa constatação empírica corrobora o poder explicativo da teoria da reprodução social de Bourdieu e Passeron (2009, 2015). Ou seja, esses números sugerem que a riqueza cultural exerce efeitos poderosos sobre a classificação dos estudantes em termos de rendimento escolar. Segundo Bourdieu (2015, p. 55), o capital cultural concorre para definir “as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem um princípio de eliminação diferencial das diferentes classes sociais”. As disparidades de rendimentos não se associam tanto às desigualdades de renda, mas às diferenças em termos de capital cultural. Desse modo, a herança cultural pesa sobre as trajetórias e destinos escolares dos(as) alunos(as) dos 1º anos da EA/UFPa (SILVA, 2020, 2021).

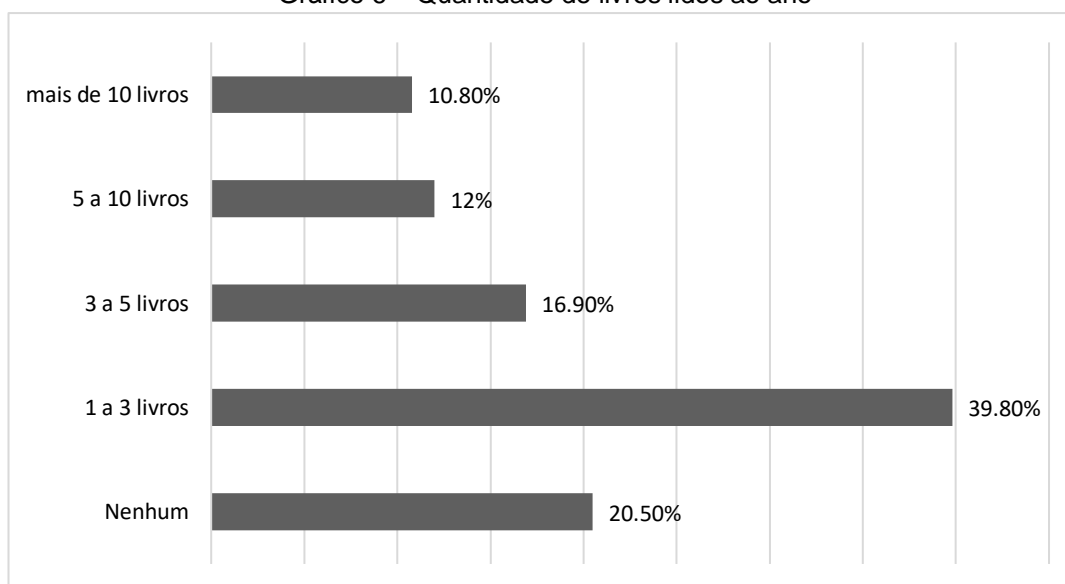
Fundamentando-se pelo argumento de que os alunos legam do meio familiar uma espécie de patrimônio cultural matizado, constituído de estruturas mentais, posturas corporais, disposições estéticas, bens culturais etc., os quais se transmitem em benefícios escolares, pretendemos elucidar a problematização que deu origem a este trabalho: estudantes que leem e têm acesso aos livros são os mesmos que apresentam resultados exitosos? Para dar respostas a essa questão, partimos de uma observação basilar, qual seja, os alunos enredados neste estudo parecem fazer parte de um grupo de leitores(as) com forte presença de livros no domicílio (ver Gráfico 5 e 6, abaixo). Além disso, chama a atenção para o fato de os pais/responsáveis apresentarem hábitos de leitura que podem ter sido transferidos aos filhos (Ver Gráfico 5, abaixo).

Gráfico 5 – Quantidade de livros no domicílio



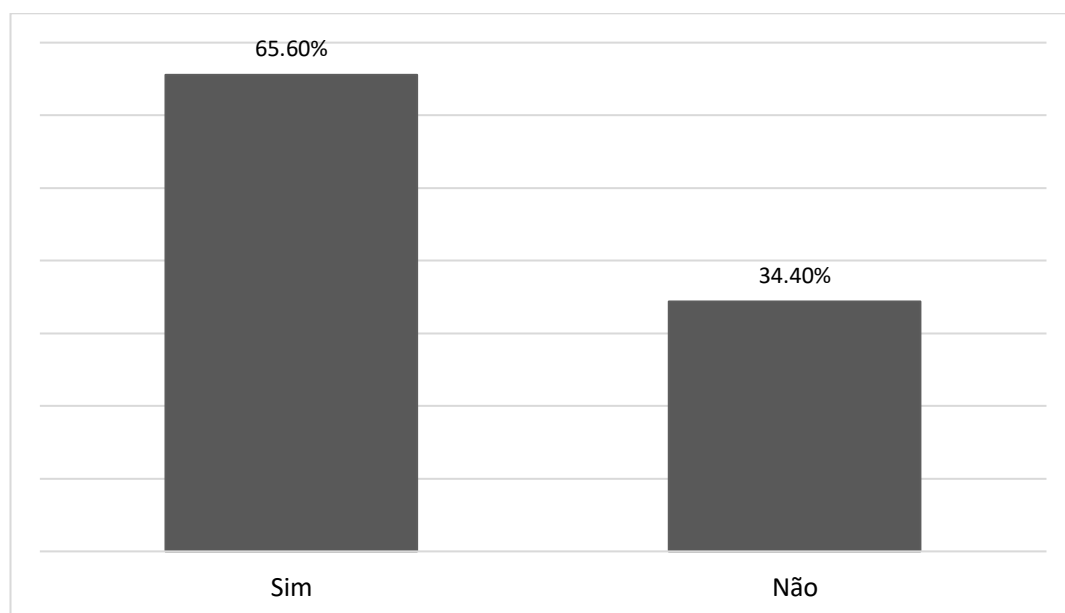
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Gráfico 6 – Quantidade de livros lidos ao ano



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Gráfico 7 – Os pais/responsáveis costumam ler?



Fonte: Elaborado pelos Autores (2021)

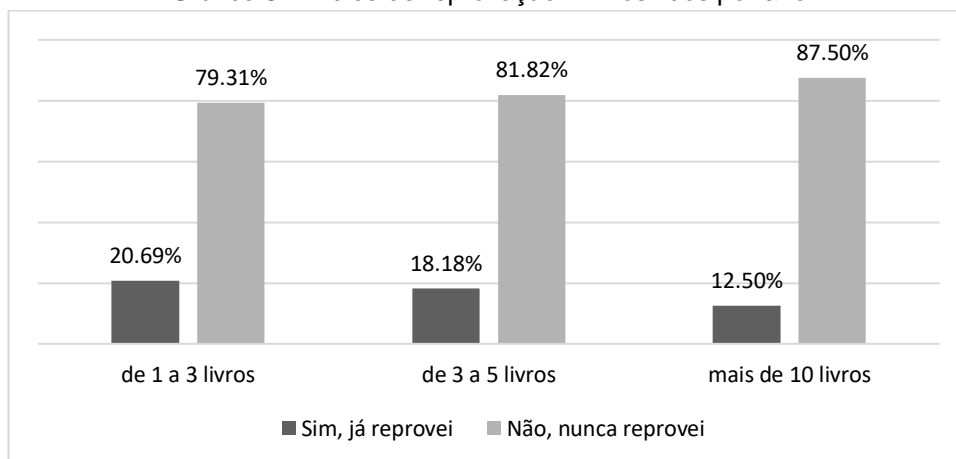
De acordo com o Gráfico 5, somente 2,4% dos(as) estudantes(as) atestam não possuir livros no domicílio; 38,6% detêm entre 1 e 10; 43,4% declaram ter entre 10 e 50; e 15,7% alegam dispor de 100 livros. Do mesmo modo, é interessante observar, no Gráfico 6, os números sobre os livros lidos ao ano. Percebe-se que 20,5% não leem nenhum livro por ano, contudo, 39,8% leram entre 1 e 3; 16,9% entre 3 e 5; 12% entre 5 e 10; e 10,8% asseguram ler mais de 10 livros ao ano. Esses dados sobre práticas de leitura demonstram que, no grupo pesquisado, o gosto pela leitura pode ser tributário dos hábitos de leitura dos pais. No gráfico 7, nota-se que 65,6% deles admitem que costumam ler; ao passo que 34,4% afirmam que não leem. Nesse caso, nossa análise infere que as taxas satisfatórias dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio da EA são dependentes do “capital cultural previamente investido pela família” (BOURDIEU, 2015, p. 82). Nossa análise depreende que os gráficos 5 e 6 (acima) evidenciam que os alunos se ligam a duas formas de capital cultural,

conforme caracterização de Bourdieu (2015). Nossa pesquisa deduz que os estudantes são portadores de um capital cultural objetivado, sob a forma do bem cultural livro e de um capital cultural incorporado sob a forma de um hábito de leitura. Com o suporte dessa chave explicativa, sustentamos que a posse de tais capitais pode ser essencial para elucidar as taxas de aprovação escolar expostas no Gráfico 4 (acima).

Corroborando essa tese, as estatísticas dispostas no Gráfico 8 (abaixo) evidenciam existir uma associação entre hábitos de leitura, capital cultural e desempenho escolar. O cruzamento dos dados sobre reprovação escolar e a quantidade de livros lidos ao ano fornece a resposta empírica ao problema deste artigo. Dessa forma, podemos afirmar que nossos resultados revelam que os estudantes leitores têm mais chances de sucesso na escola. Esses números são centrais, na medida em que colaboram com a crítica à ideologia do dom, isto é, a “mistificação em que se incorre quando se atribui a propriedades individuais, e até mesmo inatas, aquilo que é social e culturalmente construído” (BUENO, 2017, p. 151).

No senso comum, o desempenho satisfatório é tomado sob a aparência dissimulada de uma essência pessoal e natural, e não algo condicionado socialmente. Nos dados abaixo, percebe-se que, dos alunos que leem mais de 10 livros ao ano, 87,5% nunca reprovaram, contra apenas 12,5% que já reprovaram. Na mesma lógica, 81,82% dos estudantes que leem entre 3 e 5 livros ao ano nunca reprovaram e 18,18% já repetiram a série/ano. Mesmo aqueles que leem entre 1 e 3 livros terão mais chance de não figurar nas estatísticas dos que já reprovaram, pois 79,31% nunca repetiram a série e 20,69% já.

Gráfico 8 – Índice de reprovação x livros lidos por ano



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os números descritos no Gráfico 8, guardadas as devidas proporções, apontam para a seguinte tendência: quanto maior é o número de livros lidos ao ano, menor é o índice de reprovação. Esses dados sugerem que os resultados exitosos, reiteradamente, não podem ser explicados pelos dons pessoais dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio da EA/UFGA. Ao invés disso, são elucidados quando se leva em conta as práticas de leitura que os colocariam em posição privilegiada ante as cobranças escolares. Ademais, nosso estudo corrobora as argumentações de Draelants e Ballatore (2021), Nogueira e Piotto e Nogueira (2021) quando afirmam que as práticas de leitura são bastante valiosas no mercado escolar, pois produzem efeitos exitosos no processo de aquisição do conhecimento. Os resultados que alcançamos dialogam ainda com um dos pressupostos basilares da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu, qual seja: os(as) estudantes leitores(as) da EA/UFGA não podem ser tomados(as) enquanto sujeitos abstratos que competem em condições igualitárias na escola; longe disso, são atores socialmente constituídos que transportam uma bagagem social e cultural diferenciada, esclarecendo quais as razões do sucesso escolar. Em suma, a posse de livros e as práticas de leitura

tendem a segregar aqueles que detêm de capital cultural herdado daqueles que não o possuem, contribuindo para a reprodução e manutenção das diferenças sociais e culturais preexistentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu compreender a influência das práticas de leitura no desempenho escolar. À luz das teorias da reprodução, com foco nos conceitos de capital cultural e *habitus* dos sociólogos Pierre Bourdieu e Jean Claude-Passeron (2009, 2015), o trabalho elaborou uma investigação sobre as condições sociais de acesso aos livros, práticas de leitura e taxas de reprovação escolar. Em termos empíricos, o artigo debruçou-se sobre as características socioeconômicas e culturais dos discentes do Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Para entender quais relações se estabelecem entre acesso aos livros e ao capital cultural na Educação Básica, partimos do pressuposto segundo o qual o hábito de ler é um fomento que patrocina o sucesso escolar. Verificou-se uma associação positiva entre estudantes leitores(as) e resultados exitosos. A análise permitiu concluir que o gosto pela leitura figura como fator de diferenciação de maior relevância, reafirmando que são os fatores culturais mais que os econômicos que condicionam as taxas de êxito escolar. Sendo assim, os estudantes que leem e têm acesso aos livros são os mesmos que apresentam resultados exitosos.

Em pesquisas futuras, é fundamental insistir numa investigação de ordem mais qualitativa que busque enxergar sutilezas, obviamente difíceis de se considerar em estudos estatísticos. É necessário refletir a respeito das relações que os estudantes estabelecem com a leitura. Questionar: o que os estudantes leem (quais gêneros)? Com qual olhar? O que significa a leitura para eles? É

uma leitura escolar da qual o estudante foi obrigado a ler? Ou são leituras que ele escolheu? Alguém o influenciou a ler? As redes sociais e/ou *influencer* induzem na indicação de leituras? Que percepções eles têm da leitura e da literatura? Por fim, pensamos ser fundamental ampliar a abordagem teórica. É imprescindível aprofundar o debate inaugurado por Basil Bernstein (1996) em seus estudos sobre repercussões cognitivas da socialização linguística. Na mesma linha de raciocínio, faz-se urgente pensar no sucesso escolar em meios populares e nas razões do improvável, discutido por Bernard Lahire (2004), focando em seus estudos sobre cultura escrita, e, por fim, resgatar a discussão de Bernard Charlot (2000) acerca da relação com o saber.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. F. Herança cultural. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARROS, R. P.; MENDONÇA, R.; SANTOS, D.; QUINTAES, G. Determinantes do desempenho educacional no Brasil. **Pesq. Plan. Econ.**, v. 31, n. 1, abr. 2001. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3410/1/PPE_v31_n01_Determinantes.pdf. Acesso em: 09 ago. 2022.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C.; CAZELLI, S. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, set./dez. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782010000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 mar. 2022.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- BERNARD, C. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BERNSTEIN, B. **A Estruturação do Discurso Pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BUENO, K. M. P. Ideologia do dom. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DRAELANTS, H.; BALLATORE, M. Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/188199>. Acesso em: 28 set. 2022.
- FERNANDES, L. M.; LEME, V. B. R.; ELIAS, L. C. S.; SOARES, A. B. Preditores do Desempenho Escolar ao final do Ensino Fundamental: Histórico de Reprovação, Habilidades Sociais e Apoio Social. **Temas em Psicologia**, vol. 26, nº 1, p. 215-228, mar. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000100009. Acesso em: 19 jan. 2022.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Apresentação: Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª edição, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática: 2004.
- NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 78, p. 15-36, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2022.

NOGUEIRA, M. A. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 51, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/7468>. Acesso: 17 dez. 2022.

PALERMO, G. A.; SILVA, D. B. N.; NOVELLINO, M. S. F. Fatores associados ao desempenho escolar: uma análise da proficiência em matemática dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 367-394, jul./dez. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/NLjZXbZcRrRHBknTf9C9VSz/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 17 fev. 2022.

PIOTTO, D. C.; NOGUEIRA, M. A. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, 2021. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022021000101205&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jul. 2022.

RIANI, J. L. R.; RIOS-NETO, E. L. G. Background familiar versus perfil escolar do município: qual possui maior impacto no resultado educacional dos alunos brasileiros? **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 251-269, jul./dez.

2008. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/158>. Acesso em: 11 mai. 2022.

SETTON, M. G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 90, p.77-105, jan./abr. 2005. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313715004>. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVA, V. V. A. A covid-19 e a reprodução das desigualdades escolares: um estudo sobre acesso digital na educação básica. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.61, 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4302>. Acesso em: 12 out. 2021.

SILVA, V. V. A. Capital cultural familiar e o (in)sucesso escolar no Ensino Médio. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 15, n. 34, set./dez. 2020.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/37003>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos Familiares e o Desempenho Cognitivo dos Alunos do Ensino Básico Brasileiro. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 49, n. 3, p. 615-650, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/dados/a/Qj6FYy5qTYrZRfVmvFcP9HM/?lang=pt#articleSection1>. Acesso em: 09 set. 2022.

VALLE, I. R. A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional. **Educação e Pesquisa [online]**. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/200267>. Acesso em 13 ago. 2022.

VALLE, I. R. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, jan./abr. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-416x2013000100020&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 10 nov. 2022.

VALLE, I. R. Por que ler Os herdeiros meio século depois? In: BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.